



A NOITE

EM QUE



A CHUVA

MATOU



Em 15 páginas as imagens da catástrofe

CHUVA E MORTE NO FIM DE SEMANA

DEPÓSITO LEGAL

que o começo do último e mais dramático acto da catástrofe. De facto, àquela hora, já as águas se acumulavam nos locais... do costume: ainda e sempre a Avenida 24 de Julho, o Poço do B'po, Santa Apolónia. E também todo o percurso desde a Junqueira a Algés. E também o Campo Grande e a Avenida da República... E também Benfca... Nenhuma zona da cidade se viu poupada.

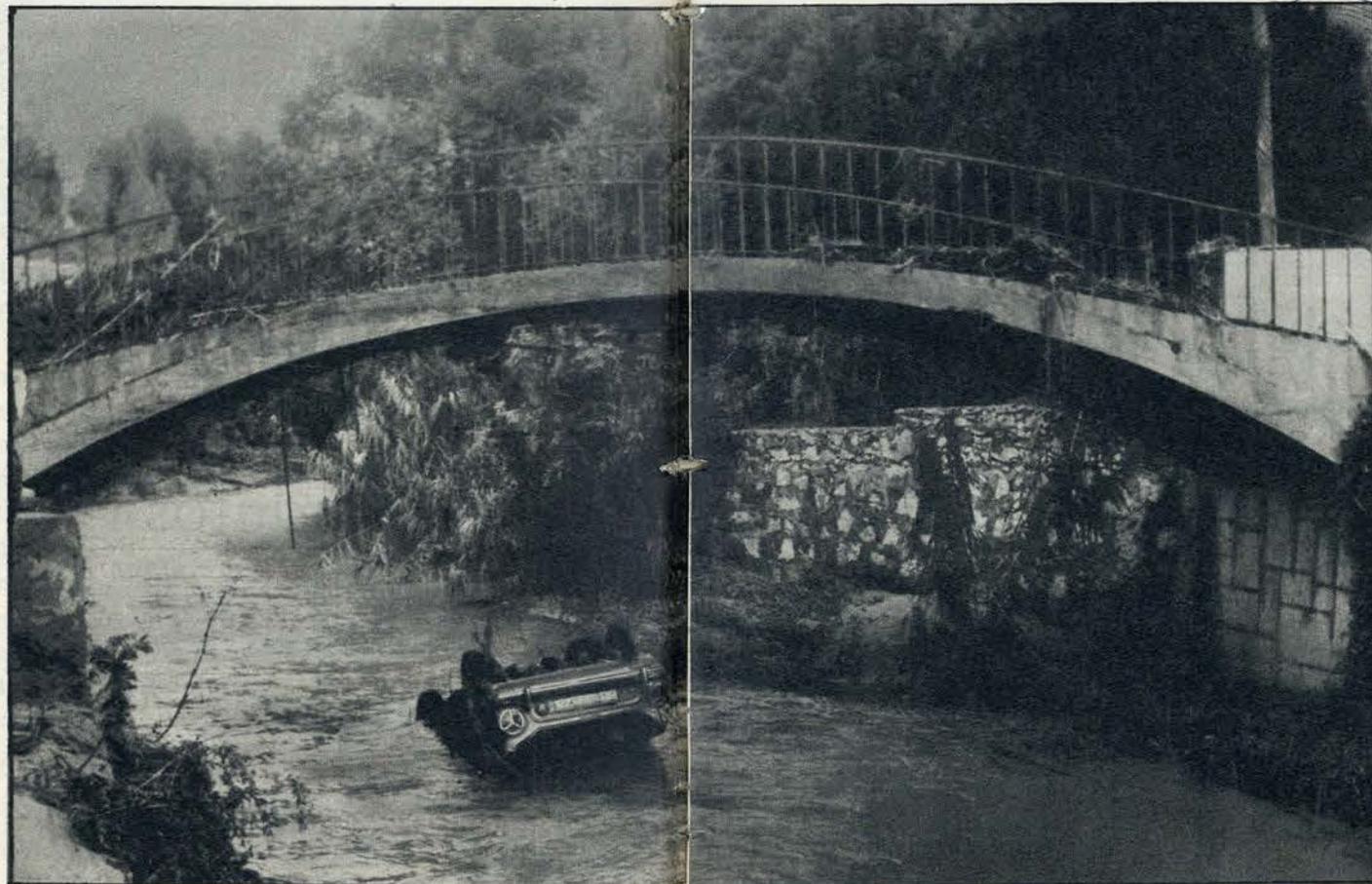
Cerca das 22 horas, elevava-se já a algumas centenas o número de automóveis, eléctricos e outros veículos mobilizados pelas águas e cujos ocupantes os bombeiros iam retirando para lugares seguros. Em Alcântara, o espectáculo do Eden Cinema foi interrompido a meio do segundo filme, por a infiltração das águas ter provocado curto-circuito no quadro geral. Mas a assistência nem teve tempo de se manifestar, pois a cheia invadiu também a sala e começou a subir com rapidez. Os espectadores da plateia tiveram de se refugiar no balcão e ali permaneceram até cerca da 1 hora da manhã, altura em que os bombeiros os socorreram com barcos de borracha.

A meia-noite, em Algés, era impressionante o aspecto da baixa de Algés, totalmente submersa, com água pela altura dos vidros dos automóveis. No chamado va-

le de Algés, junto da antiga praça de touros, formou-se uma corrente caudalosa que arrastou cerca de quinze automóveis, voltando alguns e lançando-os uns contra os outros. Duas barracas de madeira, uma delas com cerca de 6 metros de comprimento, foram arrastadas durante 40 metros. Também na Avenida 24 de Julho a cheia tomou aspectos assustadores. Dos automóveis estacionados apenas se viam os tejadilhos. As águas atingiram alguns pontos mais de 2 metros. Alguns carros boavam, assim como muitos bidões e fardos. Um carro eléctrico ficou com a água a rasar as janelas. Os passageiros foram tomados de pânico até serem retirados pelos bombeiros.

A zona de Benfca, precisamente onde se ergue a igreja, foi bastante sacrificada pela chuva. A água chegou a atingir mais de um metro de altura o que tornou intransitáveis todas as artérias. Os automóveis chegaram a estar quase cobertos pela água, pois apenas se viam os tejadilhos. Uma estação de serviço junto do templo foi também assolada pela chuva, que chegou a galgar a rampa e atingir parte dos carros ali recolhidos. O mesmo sucedeu nos estabelecimentos onde a água entrou e causou danos consideráveis.

EM OEIRAS ERA VULGAR DEPARAR-SE COM ESPECTÁCULOS IDENTICOS A ESTE



SEPULTADOS os mortos e socorridos os vivos, subsistem a consternação, uma dorida perplexidade: a imaginação vê-se impotente para reconstituir, em toda a sua medida, o pesadelo que foi aquela noite de 25 para 26 de Novembro. Mais de três centenas de mortos deram dimensões de catástrofe nacional aos efeitos da tempestade que martirizou a região de Lisboa nesse fim-de-semana. Milhares de pessoas sem abrigo, milhares de pessoas a quem as enxurradas e os desabamentos, quando não roubaram familiares e amigos, levaram pelo menos casa e haveres) e de gente pobre se tratava na esmagadora maioria dos casos), acrescentam o seu drama a prejuízos materiais ainda impossíveis de calcular, mesmo aproximadamente, até ao momento em que escrevemos.

De facto, Lisboa, irmanada no infortúnio com toda a vasta região que se estende dos concelhos de Sintra, Loures, Cascais e Oeiras aos de Vila Franca de Xira, Alenquer e Arruda dos Vinhos, passando pelos de Almada e Barreiro, acaba de sofrer um dos seus maiores desastres de sempre.

NOITE DE PESADELO NUMA CIDADE EM PÂNICO

...E súbitamente abriram-se de par em par as comportas do céu. A chuva, que naquele sábado fustigara Lisboa sem maior violência do que a normal, redundou em dilúvio ao cair da noite. Com uma violência avassaladora, passou a castigar, durante horas, madrugada fora, a capital e os arrabaldes. Derrubou casas, muros, fez aluir enormes massas de terras. Revolveu o calcetamento das ruas, o asfalto de grandes praças — e as primeiras foram rios, as segundas lagos. Habitações submersas. Automóveis abandonados como brinquedos inúteis. Estabelecimentos desventrados, destroços levados pelas águas. Destroços e cadáveres: a catástrofe cobrou à cidades um pesado tributo em vidas humanas.

Pouco passava das 17 horas de sábado, quando os acontecimentos começaram a precipitar-se: a chuva fustigava a cidade com uma inclemência cada vez maior; os quartéis de bombeiros municipais e voluntários, onde os telefones, sempre mais insistentes, não cessavam de tocar, em breve se viam praticamente desertos, com os homens dispersos por toda a cidade. E que por toda a cidade as águas subiam, isolando gente, paralisando o trânsito, invadindo os andares baixos. E os bombeiros, infatigáveis como sempre, sem se furtarem a esforços, já nessa altura não paravam: cerca de 400, transportados numa 70 viaturas, cruzavam de ponta a ponta uma Lisboa inquieta.

Os sítios do costume...

As 19 e 35, um clarão rasgou o céu no centro da cidade, acompanhado de um trovão prolongado e ensurdecedor: para as bandas do Governo Civil, em pleno Chiado, uma fúria marcava como

ilustrado

DIRECTOR
FRANCISCO MATA

REDACÇÃO
Guedes de Amorim
Manuel de Lima
João Corregedor de Fonseca
Adriano de Carvalho
Pedro Alvim
Fernando Brederode Santos
Roby Amorim

★
Leopoldo Nunes
Luís Alves
Augusto Fraga
Mário Heitor
Observador
Manuel Figueira
Manuel Alves Matias
Etelvina Lopes de Almeida
Edmundo Nery Motrena
Álvaro Duarte de Almeida
Lauro António
Luís Fraga
José Mensurado
Carlos Pinhão
Ruben Tristão de Carvalho
Francisco Nobre
Mário do Amaral
Mário do Rosário

SECRETARIA DA REDACÇÃO
Maria dos Anjos Mendes

REPORTAGEM FOTOGRAFICA
Eduardo Gageiro
Beatriz Ferreira
Fernando Baião
Abel Fonseca
Salvador Ribeiro

Augusto Cabrita

ARRANJO GRÁFICO
Baltazar Ortega
Luís Filipe da Conceição
José Araújo
Mário Jorge

FOTOGRAFIA DE LABORATÓRIO
Florianio de Oliveira
António Xavier
Henrique Albuquerque

MONTAGEM
Álvaro de Magalhães

PUBLICIDADE
Mário Vidreiro

ASSINATURAS E AGÊNCIAS
Francisco do Espírito Santo
Eugénio Costa

EDITOR
Fernando Castro

Edição semanal de «O SECULO»
Redacção e Administração:
R. do Século, 41-63 — Lisboa-2
Tel. P.B.X. 36 27 51 — Oficinas:
Rua do Século, 59, e Travessa da Oliveira à Estrela, 4-6
Sucursal no Porto:
R. St. António, 15-1.
PROPRIEDADE:
Sociedade Nac. de Tipografia
Ano XXX - N.º 1561 - Preço 5\$00
2 DE DEZEMBRO DE 1967

SAI AOS SÁBADOS
PREÇO DE ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
trimestral, 65\$00; semestral, 120\$00; anual, 230\$00
Províncias Ultramarinas, Espanha e Brasil: semestral, 130\$00; anual, 240\$00
Estrangeiro: semestral, 160\$00; anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA

SUMÁRIO

	PAG.
CHUVA E MORTE NO FIM-DE-SEMANA ..	4
QUANDO AS CABEÇAS ROLAVAM NO IEMEN ...	20
FRANK EVANS «EL INGLÊS»	24
SUNSET BOULEVARD ...	26
SIGNOS	29
DE SÁBADO A SÁBADO	30
HUMOR PARA O FIM-DE-SEMANA	33
QUEM QUER COMPRAR A ARCA DE NOE?	36
HAROLD ROBINS	40
O MISTÉRIO DOS BANCOS SUIÇOS ..	42
THILO'S COMBO	47
DE TODOS OS DESPORTOS	57
O ADEUS À TAÇA DAS NAÇÕES ..	58
TV	62
MORREU PITA SOARES	64

ESTA EDIÇÃO DE «O SECULO ILUSTRADO»

A tragédia que enlutou a área de Lisboa e vastas zonas do Ribatejo teve naturais efeitos nos serviços da Imprensa. Para podermos oferecer aos nossos leitores uma panorâmica tão completa quanto possível dos dramáticos acontecimentos, fomos forçados a retirar deste número a secção de «Pop Music», a série «Mr. Solo» e outro material de actualidade destinado a esta edição.

As razões justificam-se por si próprias, o que não nos impede de apresentarmos as nossas desculpas.

Na linha de Sintra

RIBEIRAS DESCOMANDADAS CAUSARAM MORTES E DESTRUIÇÕES

Duramente flagelada foi igualmente toda a zona entre Lisboa e Sintra. A vila propriamente pouco sofreu, mas registaram-se numerosas inundações em muitas terras circunvizinhas. Rios e ribeiras saltaram dos seus leitos, destruindo muros e árvores, arrastando pequenas habitações.

Em Queluz, a ribeira do Jamor em fúria fez viver uma noite apavorante aos seus habitantes. Nas zonas do Pendão e da Ponte Pedrinha o espectáculo era desolador. Na Avenida Elias Garcia, todo o lado direito de um prédio de quatro pisos se desmoronou como um castelo de cartas. Houve mortes a lamentar.

Os belos jardins do palácio sofreram também consideráveis estragos.

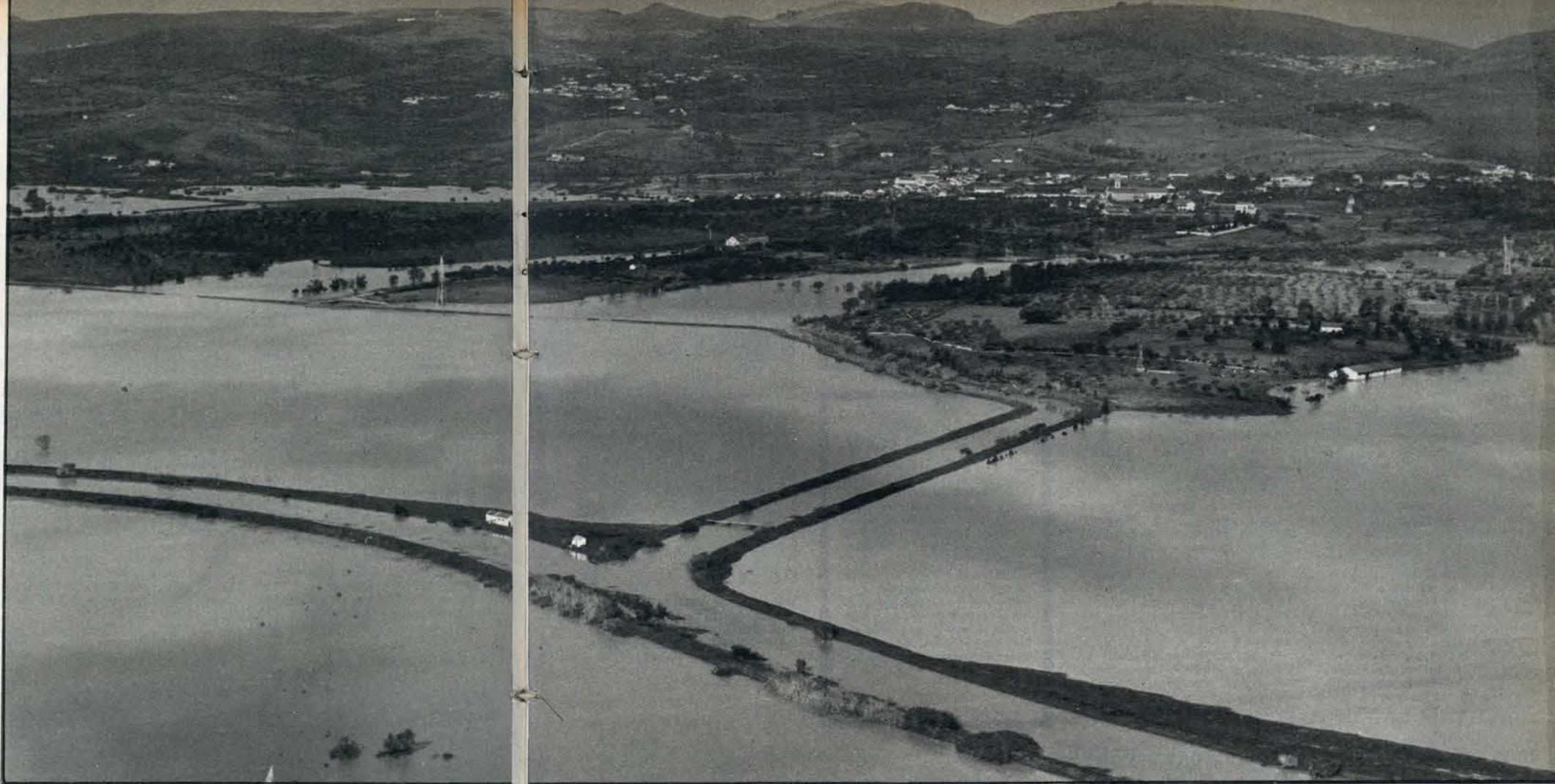
Em Tercena ruas ficaram destruídas e muitos muros tombaram. Mais adiante, no leito da ribeira do Papel, vários carros foram encontrados totalmente destruídos.

Em Barcarena a força das águas foi de extraordinária violência. Duas raparigas morreram, de um estabelecimento comercial restam apenas o relógio e um contador, os portões de ferro da Fábrica de Pólvora estavam torcidos como arames.

Na Várzea de Colares numerosas casas foram inundadas. Os bombeiros trabalharam intensamente, mas não houve vítimas.

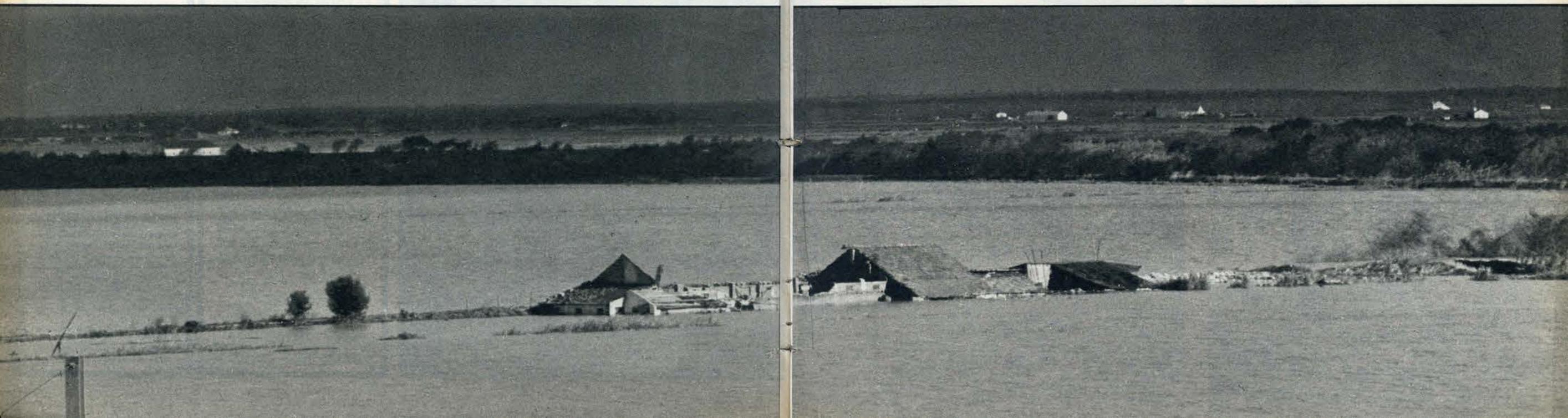
O trânsito ferroviário sofreu profundas alterações. Em muitos pontos se tornava necessário fazer transbordos, por vezes com a colaboração das forças armadas. A situação manteve-se por alguns dias e muitos milhares de pessoas tiveram problemas para conseguirem chegar ao trabalho.

Balanco final: doze mortos, algumas dezenas de desaparecidos.



AS ESTRADAS DO RIBATEJO FORAM RÁPIDAMENTE SUBMERSAS PELAS ÁGUAS DO RIO TEJO

MAIS DE 130 MORTOS — ESTE O TRÁGICO BALANÇO NA ALDEIA DE QUINTAS DO RIBATEJO



200 MIL LIVROS INUTILIZADOS NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Duzentos mil livros inutilizados é o primeiro balanço dos prejuízos sofridos pela Fundação Gulbenkian. Aqueles volumes que se destinavam a abastecer as bibliotecas fixas e itinerantes tinham sido arrecadados nos pisos subterrâneos do edifício da sede da Fundação que está a ser construído na Avenida de Berna por onde a água entrou em grande quantidade.

Como noutra local informamos, a enxurrada também atingiu o palácio de Pombal em Oeiras. Sobre estes danos os directores da Fundação informaram a Imprensa de que os objectos de arte expostos no andar nobre do Palácio Pombal, em Oeiras, assim como os que se encontravam nas reservas ao nível do rés-do-chão alto do edifício, não sofreram qualquer dano, e o museu, provisoriamente instalado no referido palácio, será reaberto ao público logo que esteja assegurado o funcionamento da energia eléctrica indispensável à iluminação e climatização dos respectivos lo-

cais; ao contrário, as casas-fortes ao nível do jardim foram atingidas pelas águas, tendo por isso, e outras causas concorrentes, alguns dos objectos ali guardados sofrido prejuízos, cuja extensão e valor não podem ainda ser determinados, mas diminutos em relação ao valor total da colecção.

Foram tomadas imediatamente as providências necessárias para reparar, em tanto quanto possível, os respectivos danos, utilizando-se, para o efeito, não só os serviços dos técnicos da Oficina de Restauro anexa ao Museu Nacional de Arte Antiga — que, para tal, gentil e imediatamente se colocaram à disposição da Fundação —, mas também os de técnicos estrangeiros chamados de urgência; uns e outros iniciaram já a limpeza e reparação dos objectos atingidos.

Os equipamentos instalados no Centro de Biologia foram danificados sem, contudo, determinarem qualquer interrupção nos trabalhos científicos que ali decorrem.

HAVIA CENTE DENTRO DESTA PRÉDIO DE QUATRO PISOS QUE, EM QUELUZ, ABATEU COMO UM CASTELO DE CARTAS



NUNCA FORAM TANTOS EM TÃO CURTO PRAZO

O maior desastre motivado por causas naturais desde o terremoto de 1755? Assim parece.

De qualquer forma, bateu-se um macabro recorde. Segundo declarações feitas à Imprensa pelo prof. Arsénio Nunes, director do Instituto de Medicina Legal, jamais se verificara, ao longo dos 110 anos de existência desta instituição, a entrada de tão elevado número de cadáveres na morgue no espaço de vinte e quatro horas.



UM SOBREVIVENTE CONTA À NOSSA REPORTAGEM O DRAMA QUE VIVEU E NO QUAL PERDERAM A VIDA DIVERSAS PESSOAS DA SUA FAMÍLIA

10 000 TELEFONES AVARIADOS PELA CHUVA

Devido às inundações, várias estações telefónicas da capital e dos arredores viram-se isoladas ou avariadas, elevando-se a cerca de 10 000 o número de telefones que assim ficaram fora de serviço.

Por outro lado, o incessante serviço nas centrais não permitiu que o pessoal saísse às horas normais de serviço, sendo, ainda, chamados os componentes dos piquetes de reforço, quer de telefonistas quer de mecânicos.

A CATÁSTROFE EXPLICADA PELOS METEORÓLOGOS

Nunca Lisboa vira tanta chuva: 92 milímetros em 6 horas, 110 em 24. O calamitoso recorde foi explicado pela meteorologia como sendo resultante de uma depressão que, após ter estacionado durante dias a sudoeste da península Ibérica, se começou a deslocar para nordeste em direcção à Estremadura. Ao mesmo tempo, deslocava-se de norte para sul um sistema frontal que atingiu a região das Beiras às 18 horas de sábado.

A proximidade dos dois sistemas provocou a desastrosa precipitação num volume nunca atingido em Lisboa. O fenómeno, aliás, pelas mesmas razões, ficou circunscrito às zonas das vizinhanças da capital.

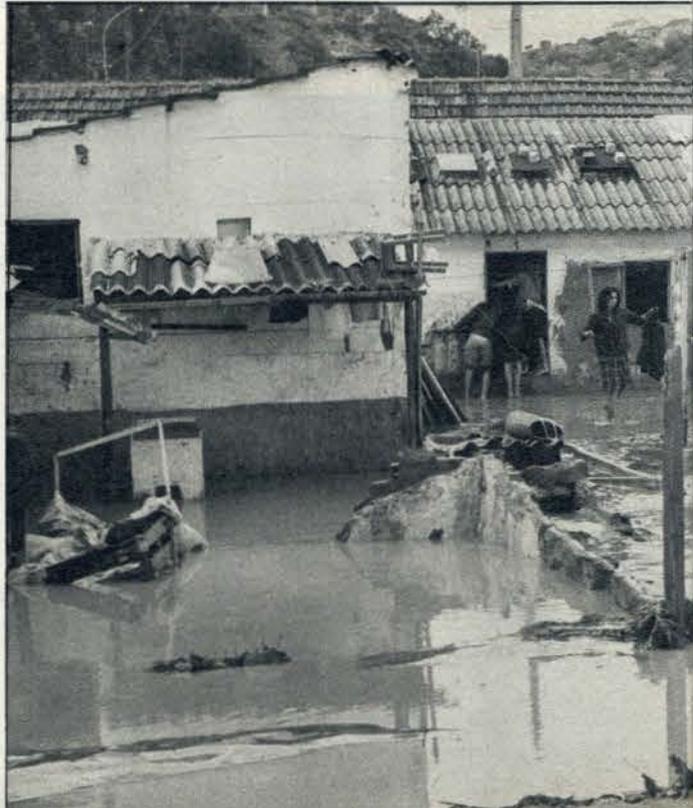
O anticiclone, centrado a norte dos Açores, conseguiu romper a resistência do sistema frontal contrário e o resultado foi uma geral melhoria do estado do tempo. A tragédia estava consumada, porém.



CADÁVERES DOS CAVALOS MORTOS PELA INUNDAÇÃO NO PICADEIRO DO JARDIM MUNICIPAL DE OEIRAS. EM PRIMEIRO PLANO, AS DUAS MONTADAS DE JOSÉ MESTRE BAPTISTA, «TIROL» (COM O QUAL O MALOGRADO JOAQUIM JOSÉ CORREIA TOUREIÓU A SUA ÚLTIMA CORRIDA) E «TALISMÃ»

NO CACÉM, UM DOS MUITOS CARROS DESTRUÍDOS PELAS ÁGUAS

DEZENAS DE FAMÍLIAS FICARAM DESALOJADAS EM SACAVÉM DEVIDO ÀS INUNDAÇÕES





ILHA DAS MILHOCAS: UM MURO DE CERCA DE 20 METROS RUIU E DESABOU SOBRE AS BARRACAS QUE SE LHE ERGUIAM AO LADO, DESTRUINDO-AS. NO LOCAL ONDE SE VÊ A BACIA BRANCA MORREU UMA CRIANÇA

O ÚLTIMO REFÚGIO DOS DOIS PORCOS — O TELHADO ONDE CONSEGUIRAM SALVAR-SE



De Algés a Cascais

DOMINGO SOMBRIO PARA A COSTA DO SOL

EMBORA em menor escala a linha de Cascais também sofreu com o temporal. Assim, há a lamentar doze mortes em Oeiras, três em Caxias e cinco em Algés, além das inundações e prejuízos materiais causados pelas enxurradas. Em Algés a maior parte dos pavimentos ficou destruída e a lama impediu que durante alguns dias se normalizassem as actividades comerciais, pois inúmeros estabelecimentos foram invadidos pelas águas que tudo arrasaram. O humilde bairro da Pereira arrostou com forte caudal que arrasou algumas das suas casas contando-se por dezenas as famílias desalojadas.

No Dafundo não houve mortes mas o volume da água inundou todas as caves e a forte corrente arrastou diversos automóveis os quais sofreram danos. Na Cruz Quebrada duas mulheres de meia idade foram encontradas a boiar, já mortas, no rio Jamor.

De Laveiras ao Lagoal os prejuízos foram elevados. O ribeiro de Barcarena arrastou tudo à sua passagem. Automóveis desapareceram no mar levados na enxurrada. Mais alguns foram parar, não se sabe bem como, sobre muros e vedações. Muitos muros de suporte aluíram e as casas foram, dessa forma, atingidas pela enxurrada na qual se viam inúmeras cabeças de gado.

Em Caxias três membros da

mesma família — mãe, filho e neto — morreram numa cave. Um troço da muralha na estrada marginal abateu, a água formou autênticos lagos. Aliás em toda a estrada podiam ver-se centenas de carros meio submersos e abandonados. Muitos condutores procuraram abrigo nas pensões da linha do Estoril impossibilitados de seguirem para qualquer das direcções.

Em Paço d'Arcos, onde a água atingiu grande altura, morreu um homem que habitava numa pedreira. Oeiras foi a povoação que mais sofreu. Doze mortos, carros esmagados e arrastados pela corrente, postes telegráficos e muros caídos, casas inundadas. Nos estúbulos do Parque de Campismo de Santo Amaro de Oeiras, morreram dez cavalos pertencentes aos cavaleiros tauromáquicos José Mestre Baptista e Frederico Cunha. O museu da Gulbenkian também foi atingido pelas inundações.

Carcavelos pouco sofreu, mas no sítio das Marianas a água levou a guarda da ponte e os prejuízos são mais elevados.

No Estoril o mercado foi o local mais atingido pela água e muitos estabelecimentos ficaram inundados. O mesmo sucedeu em Cascais.

Entretanto a linha de caminho de ferro ficou inutilizada em várias zonas, o que impediu o tráfego normal durante os primeiros dias da semana. O transporte de passageiros foi assegurado por autocarros da Carris, com os transtornos e atrasos que são fáceis de imaginar.

De registar ainda avarias prolongadas nos sistemas de abastecimento de água e de electricidade.



A IMAGEM PARECE TIRADA DE UM FILME DE FICÇÃO, MAS, NA REALIDADE, FOI OBTIDA PELA NOSSA EQUIPA DE REPORTAGEM EM PLENO BAIRRO DE CAMPOLIDE — NO MOMENTO MAIS ALTO DAS CHEIAS, QUANDO SE TORNOU IMPERIOSA A ENTRADA EM ACÇÃO DE HOMENS-RÁ DO B. S. B.



A TRAFARIA TAMBÉM SOFREU OS EFEITOS DO TEMPORAL. NOS VALES DOS MONTES DA RAPOSEIRA E DE MURFACEM FORMOU-SE UM RIO IMPETUOSO QUE TUDO ARRASOU. A IMAGEM MOSTRA UMA CASA SEMIDESTRUÍDA QUE OS BOMBEIROS AJUDAM A APEAR, COM RECEIO DE DERROCADA

QUINTAS ACORDOU ASSIM, DESOLADA, APÓS A NOITE DE PAVOR



Na margem sul do Tejo

DOIS MORTOS NA AREIA E CRIANÇAS DESAPARECIDAS

NA «Outra Banda» a chuva foi tão espectacular como na área de Lisboa, mas os resultados, num balanço de estragos e perdas de vidas, não podem comparar-se ao sucedido na margem norte do rio.

Nas zonas baixas do Barreiro (nomeadamente a Quinta da Lomba e a Rua D. Manuel I) e da Cova da Piedade registaram-se inundações que causaram consideráveis estragos. O mesmo aconteceu no Laranjeiro, Feijó, Costa da Caparica, Quinta de Santo António e Porto Brandão. Trabalho intenso para os bombeiros, mas não chegou a haver vidas em perigo.

A situação foi mais grave na Trafaria, onde cerca de cem pessoas ficaram sem abrigo. A chuva formou um rio impetuoso que, descendo pelos vales dos montes da Raposeira e de Murfacém,

tudo levou à sua frente. O próprio quartel dos bombeiros foi severamente atingido.

Nas humildes barracas da beira-mar houve cenas lancinantes e algumas vidas foram salvas dificilmente no último momento. A impetuosidade das águas destruiu muros e casas, abriu estradas na areia, venceu todas as barreiras que se lhe opunham. Muitos estabelecimentos sofreram consideráveis estragos.

Gerou-se um grande movimento de solidariedade, que resultou em parte.

Nas areias da Cova do Vapor, um grupo de crianças fez, porém, uma trágica descoberta: a pequena distância um do outro apareceram dois corpos — o de um homem que aparenta cinquenta anos e o de uma criança dos seus cinco meses. Ambos sem identificação. No cadáver da criança, porém, havia motivos de suspeita: marcas roxas em volta do pescoço. Víctima das chuvas ou de crime?

No entanto, há várias outras crianças desaparecidas. Recreia-se pela sua sorte.



▲ NA ALDEIA MÁRTIR DE QUINTAS, OS POUÇOS VIVOS CONTINUAM A PROCURAR CORPOS DOS PARENTES

◀ FOI COM LAGRIMAS DE DESESPERO QUE EM QUINTAS SE RECOLHEU O POUCO QUE HAVIA A SALVAR



ESTE FOI UM ESPECTÁCULO COMUM NAS RUAS DE LISBOA E ARREDORES DURANTE A MANHÃ DO PASSADO DOMINGO. OS HABITANTES DE MILHARES DE CASAS INUNDADAS APROVEITARAM A MELHORIA DO TEMPO PARA LIMPAR OS LARES DA ÁGUA E LAMA QUE OS INVADIRA



Ao longo do Ribatejo

EM QUINTAS POUCOS FICARAM PARA CONTAR

A região ribatejana foi duramente batida pela tempestade. As populações de Alverca, Alhandra, Vila Franca, Carregado, Arruda e Castanheira estão de luto pela perda de numerosas vidas.

Quintas, um lugarzinho de Castanheira do Ribatejo, tinha duzentos habitantes. Hoje não são mais de cinquenta. Famílias inteiras sucumbiram em breves momentos. Uma tromba de água desabou sobre a povoação, submergindo as casas na sua maioria apenas de rés-do-chão. Eram quase duas horas da madrugada quando a povoação foi transformada num mar de lama, um túmulo movido de onde os mortos foram facilmente recolhidos, contorcidos em rictos de pavor e tragédia. Com impressionante rapidez, a água subiu a sete ou oito metros de altura e forte ventania transformou a enxurrada em torrente. Um dos corpos foi encontrado no rio Couraça da Vala do Carregado a vários quilómetros da aldeia arrasada. Naquele rio, aliás, apareceram mais quatro corpos.

Toda a noite em Alverca e Alhandra se ouviram pedidos de socorro. Inúteis implorações a que ninguém podia corresponder. A tragédia começou a tomar vulto a partir de uma hora da manhã. Dos montes vizinhos rolavam enormes pedras, corriam torrentes de água e lama. Nem uma cave nem um estabelecimento foram poupados.

A via férrea foi cortada em vários pontos e um comboio de passageiros chegou a correr grave risco ao encontrar a linha obstruída. Foi detido a tempo pela abnegação de um ferroviário, Joaquim Bonifácio, que, momentos antes, dificilmente se conseguira salvar, a si e à família, da inundação.

Também as estradas sofreram graves prejuízos e dezenas de automóveis ficaram largamente danificados e foram arrastados, galgando sebes e valas, na sua maioria abandonados pelos ocupantes em momentos de angústia. Os serviços da Marinha com barcos de borracha e helicópteros da Força Aérea salvaram numerosas vítimas.

A maioria dos corpos foi transportada para Vila Franca. No cemitério, na Misericórdia, repetiam-se a todo o momento as cenas lancinantes do encontro de um cadáver de um familiar, de um amigo. Mas dezenas de outros corpos não tinham quem

vertesse uma lágrima por eles: toda a família perecera.

A própria vila sofrera graves depredações, as maiores de que há memória, embora há 24 anos tivesse sucedido algo de semelhante. Ao fim da noite de domingo contavam-se no cemitério, no hospital e na igreja de Vila Franca, 84 cadáveres.

Sabia-se, porém, que em Alenquer, em Alverca e em Vialonga havia muitas outras vítimas e um número indeterminado de desaparecidos.

Arruda sem comunicações

A dois passos, em Arruda dos Vinhos, o panorama não era diferente. Os prejuízos materiais elevam-se a alguns milhares de contos, especialmente entre os agricultores.

A água, em caudal violentíssimo, levou casas, automóveis, centenas de animais, tonéis, pipas e vidas humanas. Doze mortos,

dez desaparecidos. A sorte dos últimos não terá sido diversa da dos primeiros.

A vila ficou sem comunicações telefónicas, sem luz, sem água potável. O drama passou por Arruda. Não será esquecido aquele domingo de Novembro.

Em Alenquer luto, dor, lágrimas e angústia

Inicialmente julgou-se em Lisboa que a catástrofe em Alenquer não atingira proporções alarmantes. A verdade, porém, era muito diversa.

Na parte baixa da vila, a água atingiu os primeiros andares, tudo arrastando na sua fúria: mercadorias, alimentos, roupas, móveis, vidas humanas. Fábricas ficaram inteiramente destruídas. Toda a actividade comercial ficou paralisada. Não há remédios nem géneros alimentícios — tudo vem de fora, incluindo a água e o pão. Sete viaturas dos bombeiros ficaram submersas no próprio quartel igualmente inundado.

Os prejuízos são avultadíssimos tanto na vila como por todo o concelho onde a agricultura foi severamente castigada. As freguesias de Cadafais e Carnota foram as que registaram maiores prejuízos.

Mas um balanço ainda mais trágico cifrava-se em 53 mortos e 20 desaparecidos. «As horas que aqui se vivem são de dor, lágrimas e angústias», escreveu o presidente da Câmara à Imprensa.

Fábricas paralisadas

Na Vala do Carregado também as vítimas foram numerosas como

em toda a área ribeirinha do Tejo. A unidade fabril do Grupo Farmacêutico Atral (de cujo pessoal são quase todas as vítimas) ficou coberta por um lençol de lama e detritos com mais de metro e meio de altura. Instalações vitais da empresa ficaram paralisadas forçando a interrupção do trabalho por um período de cerca de mês e meio.

Outras fábricas, como a da F. A. P., na Póvoa de Santa Iria, sofreram estragos. Ali, porém, não houve vítimas a lamentar.

Mas muita coisa terá, ainda, ficado por registar.

NOS ROSTOS AINDA TEM ESTAMPADA A ANGUSTIA VIDA DURANTE A TERRÍVEL NOITE. O TEMPORAL FERIU BRUTALMENTE A INOCÊNCIA FELIZ DESTAS CRIANÇAS: ROUBOU-LHES A CASA, DEU-LHES A CONHECER O PAVOR, PÔ-LAS PERANTE A MORTE. NASCIDO O SOL, TOMAM BEBIDAS QUENTES. RETEMPERAM-SE. MAS JAMAIS VOLTARÃO A SER COMO FORAM. QUE TRAGÉDIA COMO A QUE VIVERAM DEIXA MARCA

OS TRANSPORTES FERROVIÁRIOS FORAM GRAVEMENTE AFECTADOS. A RECONSTRUÇÃO DAS LINHAS E DA SINALIZAÇÃO LEVOU DIAS



Zona de Loures

A CATÁSTROFE CEIFOU UMA CENTENA DE VIDAS

A terrível noite de sábado passado, essa noite em que a chuva matou, não será tão cedo esquecida pela gente de Odivelas, arrabalde lisboeta que foi dos mais martirizados pelo temporal desabrido.

Domingo, o solo escavado de Odivelas — como, de um modo geral, o de toda a zona de Loures — era uma reconstrução acabada da manhã seguinte ao dilúvio do Mundo: um caos de lama, poças, escombros e cadáveres. No meio

de tudo isto, a chapinhar, com olhos e gestos de calmo desalento, nesse fatigado estado de ânimo em que as lanças as tragédias grandes de mais — no meio de tudo isso, pessoas: habitantes da zona que o temporal escorraçara e então voltavam para examinar o nada que restava dos seus haveres. Parcos haveres, que a zona não é de gente rica, que as grandes catástrofes são sempre com a gente pobre.

Eram às centenas, domingo de manhã, as pessoas que serpenteavam na lama por entre barações destruídos e veículos atolados, uns e outros cobertos pelo mesmo castanho húmido que

revestia a região toda. Pela Calçada de Carriche, ao longo do bairro de Olival Basto, corria ainda, ameaçador, um espesso rio de água turva. Depois, até Odivelas, a estrada só se distinguia do resto da paisagem devido à abundância de carros entre os destroços que a juncavam, destroços tão inesperados, como bidões de gasóleo e cadáveres de animais, além de pedregulhos, tábuas e caniços, pneus e rodas de carroças... Um automóvel apresentava-se, virado, rodas imóveis no ar, dentro de um quintal, colado a uma figueira; outro, surpreendentemente, figurava sobre uma bomba de gasolina.

E as grande vítimas, os falecidos? Esses, as brigadas de socorro iam-nos descobrindo um após outro, a uma cadência alarmante. Semienterrados na lama, jaziam cadáveres de crianças (sobretudo), mulheres, e homens velhos e homens novos. As contas finais são confrangedoras: 61 mortos em Odivelas, 4 na Póvoa de Santo Adrião, 24 em Loures!

As palavras não chegam

Todo o horror deste espectáculo, só vagamente, porém, é que

sugere o que foi a tragédia da longa noite vivida há uma semana pelos habitantes da região de Loures. Foi uma noite infernal, povoada pelos gritos, as correrias e o desespero das gentes que, tomadas de pânico, procuravam por todos os processos salvar a vida, enquanto o céu desprendia, ininterruptamente, uma cascata poderosa de chuva. Aquilo a que a população de Odivelas assistiu não há palavras que o descrevam. Não há suficientemente ricas para transmitirem o patético da situação de um homem que se finca a um poste, no meio de um caudal de água barrenta, em plena noite, e aí fica a bradar por socorro, uma hora, duas horas, sem que ninguém o possa auxiliar e enquanto a água vai subindo, subindo, e submergindo-lhe a cintura, o peito, o pescoço e, depois de lhe ter lançado a morte na alma, arranca o poste e leva o poste e leva-o a ele — ainda aos gritos — pela noite fora, até um sítio qualquer onde o deixa morto. Não há palavras que descrevam isto se não assim, e isto aconteceu várias vezes. Sessenta e uma vezes em Odivelas; quatro na Póvoa de Santo Adrião; vinte e quatro em Loures. E aconteceu não só a homens (velhos ou novos) mas também a mulheres, e, sobretudo, a crianças.



A EXPLOÇÃO NO FORTE DO CARRASCAL

CERCA das sete e meia de domingo, quando na capital e seus arredores se viviam ainda momentos de angústia, foi pelos ares um dos armazéns do paiol subterrâneo do Depósito Geral de Material de Transmissões, no Forte do Carrascal, em Linda-a-Velha.

A violenta explosão, embora tenha causado apenas dez feridos sem gravidade, destruiu algumas casas de um só piso e de construção mais frágil situadas a duzentos metros do referido aquartelamento, abalou as estruturas das instalações industriais circunvizinhas e o estrondo fez-se ouvir a distância considerável. As autoridades militares, receando novas explosões, pois no paiol estavam acondicionadas, além de outras munições que não chegaram a explodir, seis toneladas de T. N. T., o equivalente a 50 mil granadas de mão, mandaram evacuar perto de três mil pessoas que residiam em Linda-a-Velha e nas redondezas.

As causas da explosão devem-se à reacção química da água das chuvas que se infiltrou até ao paiol provocando a combustão. O trânsito teve de ser cortado na auto-estrada durante vários dias, tendo sido montado um eficaz dispositivo de segurança, composto por elementos da Polícia Militar, da P. V. T. e da P. S. P., visto recer-se uma catástrofe maior.

As fábricas Fanta e Tofa sofreram prejuízos da ordem das dezenas de milhares de contos e os efeitos da explosão fizeram-se sentir também em quase todas as casas do Alto das Barronhas, Outerela, Portela, Carnaxide, Ro-meiras, Correnteza da Formiga e Algés. Em Carnaxide abateu a igreja parochial, devido ao forte abalo que se fez sentir.

O pânico que se criou foi indiscriminável. Em poucos segundos as ruas foram invadidas por mil-

lhares de pessoas, algumas envergando somente os seus pijamas, que fugiram em todos os sentidos.

Falso alarme

A situação considerava-se dominada, mas na segunda-feira foi lançado um falso alarme o qual originou que a maioria dos habitantes do Estoril e Algés evacuassem as suas residências, isto porque o boato afirmava que havia o perigo imminente de explosão nos restantes armazéns do paiol. Devido a esse alarme assistiu-se, então, a um verdadeiro êxodo populacional, vendo-se nas estradas milhares de carros, bicicletas, motocicletas, autocarros e até carroças peçadas de pessoas. O engarrafamento de trânsito foi monumental e estendia-se por diversos quilómetros. Enfim, reinou a confusão durante várias horas, findas as quais a P. S. P. conseguiu pôr termo, utilizando carros de som. Com a mesma finalidade foram lançados apelos pela rádio, tanto mais que na segunda-feira se deu início à remoção dos escombros e à limpeza da auto-estrada, a qual foi reaberta ao trânsito, numa eloquente afirmação de que o incêndio fora dominado, não havendo perigo de novas explosões.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

A primeira mensagem a chegar a Lisboa, logo que a catástrofe se tornou conhecida no estrangeiro, foi de Giuseppe Saragat, presidente da República italiana, a lamentar o acontecido.

Horas depois, o Papa Paulo VI manifestava, também, a sua mágoa pelo acontecido, mandando entregar certa quantidade em dinheiro para acudir aos sinistrados.

Manifestações semelhantes continuam a chegar a Lisboa.



ASPECTO DO INCÊNDIO QUE SE SEGUIU À EXPLOÇÃO, CUJAS CAUSAS SE ATRIBUÍRAM À REACÇÃO QUÍMICA DA ÁGUA SOBRE OS EXPLOSIVOS



A PURA IMAGEM DO DRAMA: LAMA, MORTE, DESOLAÇÃO



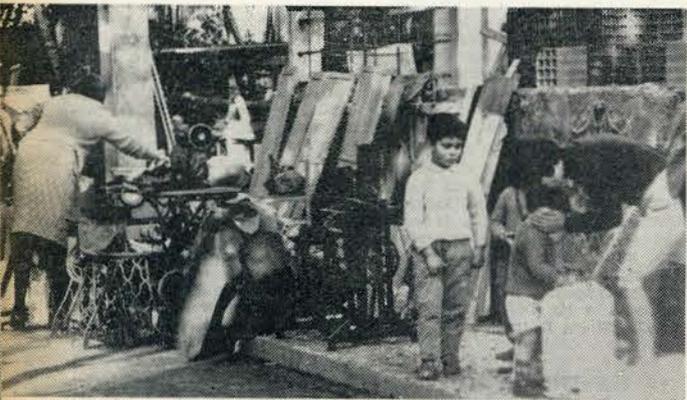
ZONAS COMERCIAIS ATINGIDAS, MAS A VIDA LOGO QUER RECOMEÇAR. O TRABALHO RETOMA OS SEUS DIREITOS



fotos de
EDUARDO GAGEIRO
BEATRIZ FERREIRA
ABEL FONSECA
FERNANDO BAIÃO
ÓSCAR SARAIVA
EDUARDO PIRES



A PONTE DE CARENQUE FICOU ASSIM, APÓS A PASSAGEM DA ENXURRADA



OS PARCOS HAVERES DE UMA FAMÍLIA, CUJA CASA A CHUVA SEMI-DESTRUIU, SÃO POSTOS A SALVO, NA RUA. UMA CRIANÇA CHORA. A MÃE BEIJA-A, ANIMA-A. QUE SERÁ FEITO DELES, ONDE ESTARÃO A HABITAR?



ENQUANTO SE CUIDA DOS VIVOS, OS MORTOS VÃO A ENTERRAR PERANTE O DESESPERO E A INCONSOLÁVEL SAUDADE DOS QUE FICAM. ESTA MULHER QUE CHORA, E ESTA MULTIDÃO SILENCIOSA QUE ACOMPANHA OS FUNERAIS SÃO AS DOLOROSAS IMAGENS DE UM LUTO QUE NÃO É APENAS DE PARENTES E AMIGOS — É DE TODOS OS PORTUGUESES

